

O CANTO DO CISNE

Estudo dramático em um ato

personagens

Vassíli Vassílitsh Svetiovídov, um velho ator cômico de 68 anos.

Nikita Iványtch, um velho ponto.

A AÇÃO TRANSCORRE NO PALCO DE UM TEATRO DE PROVÍNCIA, À NOITE, DEPOIS DO ESPETÁCULO. UM PALCO DESPOJADO DE TEATRO PROVINCIANO DE SEGUNDA CATEGORIA. A DIREITA, UMA FILEIRA DE PORTAS SEM PINTURA E MAL PREGADAS, QUE LEVAM AOS CAMARINS; O PLANO ESQUERDO E O FUNDO DO PALCO ESTÃO ATULHADOS DE CACARECOS. NO CENTRO DO PALCO, UM BANCO CAÍDO. - NOITE. ESCURIDÃO.

I

SVETLOVÍDOV: **(EM TRAJES DE CALCHAS, PERSONAGEM DA PEÇA “TROILA E CRESSEILDA”, DE SHAKESPEARE, COM UMA VELA NA MÃO, SAI DE UM CAMARIM, RINDO ÀS GARGALHADAS)** - Puxa vida! Essa é boa! Caí no sono lá no camarim! O espetáculo já acabou faz tempo, todos saíram do teatro, e eu ferrado no sono feito uma pedra. Ah, seu velho caduco, seu velho caduco! Você não passa de um cachorro velho! De modo que, então, você encheu a cara a ponto de dormir sentado! Que gênio! Parabéns, meu velho! **(GRITA.)** Egorka! Egorka, diacho! Petruchka! Estão roncando, os capetas, que mil diabos e uma bruxa venham puxar a perna de vocês! Egorka! **(LEVANTA O BANCO, SENTA-SE NELE E POUZA A VELA NO CHÃO.)** Não se ouve um pio... Só o eco responde... E que hoje eu dei ao Egorka e ao Petruchka três rublos por conta da dedicação de ambos - nem com sabujos será possível encontrá-los... Saíram e devem ter fechado o teatro, os canalhas... **(VIRA A CABEÇA DE UM LADO PARA OUTRO.)** Estou bêbado! Ufa! O que eu entornei hoje de vinho e cerveja em prol do espetáculo beneficente, Deus do céu! Meu corpo inteiro

tresanda álcool, sinto a língua grossa, pastosa... Um enjôo... (**PAUSA.**) Que estupidez... o velho paspalhão tomou um porre e nem sabe o motivo da comemoração... Ufa, meu Deus!... Estou com os rins moídos, com a cachola estalando e com uma tremedeira da cabeça aos pés, além de um frio e de uma escuridão na alma, como se estivesse numa adega. Se não poupa a saúde, devia ao menos respeitar a própria velhice, seu João-Bobo... *{Pausa.}* A velhice... Você se faz de esperto, de valente e de imbecil rematado, e a vida já passou... sessenta e oito anos já se foram, adeus! Não há como voltar... A garrafa já foi entornada e sobrou um restinho no fundo... Sobrou a borra... E isso mesmo... Assim é que as coisas são, Vassiucha... Queira ou não queira, já está na hora de ensaiar o papel de morto. A boa morte não tarda a chegar... (**OLHA À SUA FRENTE.**) Trabalho num palco há 45 anos, mas, no entanto, parece que vejo um teatro de noite pela primeira vez... Sim, pela primeira vez... Coisa curiosa, o lobo o comeu... **{APROXIMA-SE DA RIBALTA.}** Não dá para enxergar nada... Bem, dá para enxergar um pouquinho a caixa do ponto... mais o camarote especial, o atril... mas todo o resto permanece mergulhado nas trevas! Um fosso negro sem fundo, como um túmulo, onde se esconde a própria morte... Brr!... que frio! Da sala está vindo uma tiragem, como de chaminé de lareira... Lugar mais apropriado para invocar espíritos não poderia haver! É horrível, que diabo... Já estou sentindo um arrepio na espinha... *{Grita.}* Egorka! Petruchka! Cadê vocês, capetinhas? Senhor, por que fico lembrando os nomes do maligno? Ah, meu Deus, dê um basta nessas blasfêmias, dê um basta na bebida, pois você já está velho, está na hora da morte... Aos 68 anos as pessoas vão às matinas, se preparam para morrer, enquanto você... Oh, Senhor! Blasfêmias, cara de bêbado, este traje de bufão... É de dar engulhes! Já, já irei trocar de roupa... E horrível! Se passar a noite inteira aqui, posso morrer de medo... (**DIRIGE-SE PARA O SEU CAMARIM; NO MESMO INSTANTE, SAINDO DO CAMARIM MAIS AFASTADO, NO FUNDO DO PALCO, APARECE NIKITA IVÁNYTCH NUM ROUPÃO BRANCO.**)

II

SVETLOVÍDOV: (**AO AVISTAR NIKITA IVÁNYTCH, DÁ UM GRITO DE PAVOR E RECUA**) Quem é você? Qual o motivo? Está procurando quem? Quem é você?

IVÁNYTCH: Sou eu!

SVETLOVÍDOV: Eu quem?

IVÁNYTCH: **(APROXIMANDO-SE DELE BEM DEVAGAR)** - Sou eu... o ponto, Nikita Iványtch... Vassil Vassílitch, sou eu!

SVETLOVÍDOV: **(PROSTRADO, DEIXA-SE CAIR SOBRE O BANCO, RESPIRA COM DIFICULDADE E TREME DOS PÉS À CABEÇA)** Meu Deus! Quem é? E você... você, Nikítuchka? O que... que você está fazendo por aqui?

IVÁNYTCH: Eu passo as noites aqui nos camarins. Só não vá, por gentileza, contar a Aleksei Fomitch... Não tenho onde passar a noite, juro por Deus...

SVETLOVÍDOV: - É você, Nikítuchka... Meu Deus, meu Deus! Fui chamado dezesseis vezes à cena, recebi três ramos de flores e muitas outras coisas... todo mundo ficou extasiado, mas nem uma criatura teve a pachorra de acordar o velho bêbado e levá-lo para casa... Eu sou um velho, Nikítuchka... Tenho 68 anos... Estou doente! Meu espírito debilitado se esvai... **(APOIA-SE NO BRAÇO DO PONTO E CHORA.)** Não vá embora, Nikítuchka... Velho, sem forças, só me resta morrer... Tenho medo, muito medo!...

IVÁNYTCH: **(COM CARINHO E RESPEITO)** Já é hora de ir para casa, Vassil Vassílitch!

SVETLOVÍDOV: Não vou! Não tenho casa - não, não e não!

IVÁNYTCH Deus do céu! Nem onde mora o senhor se lembra!

SVETLOVÍDOV: Não quero ir para lá, não quero! Lá eu fico sozinho... não tenho ninguém, Nikítuchka, nem parentes, nem mulher, nem filhos... Sozinho, como o vento no campo... Vou morrer e ninguém há de se lembrar de mim... Tenho medo de ficar sozinho... Ninguém para me aquecer, para me acariciar, para pôr o bêbado na cama... Quem me tem? Quem precisa de mim? Quem me ama? Ninguém me ama, Nikítuchka!

IVÁNYTCH: **(POR ENTRE LÁGRIMAS)** O público ama o senhor, Vassil Vassílitch!

SVETLOVÍDOV: O público foi-se embora, está dormindo e esqueceu o seu bufão! Não, ninguém precisa de mim, ninguém me ama... Nem mulher nem filhos eu tenho...

IVÁNYTCH Ora, não há porque se afligir...

SVETLOVÍDOV: Mas é que eu sou um ser humano, um ser vivo, nas minhas veias corre sangue e não água. Sou um fidalgo, Nikítuchka, de boa cepa... Antes de cair neste fosso, era oficial de artilharia... Como eu era valente, boa pinta, um rapaz honesto,

cheio de coragem, de ardor! Deus, onde foi parar tudo isso? Nikítuchka, e depois, que ator eu me tornei, hein? (**LEVANTANDO-SE, APOIA-SE NO BRAÇO DO PONTO.**) Onde foi parar tudo isso, o que é feito desse tempo? Deus do céu! Olhei hoje para este fosso e lembrei-me de tudo, tudo! Este fosso devorou 45 anos da minha vida, e que vida, Nikítuchka! Olho agora para este fosso e vejo tudo, até os menores detalhes, como vejo o seu rosto. Os entusiasmos da juventude, a fé, o ardor, o amor das mulheres! As mulheres, Nikítuchka!

IVÁNYTCH: Já é hora de ir para a cama, Vassil Vassílich.

SVETLOVÍDOV: - Na época que eu era um ator jovem, que começava a me entusiasmar pela profissão, lembro-me de uma que me amou apenas pela minha arte... Elegante, esbelta como um álamo, jovem, ingênua, pura e fogosa como um amanhecer de verão! Não havia noite que pudesse resistir ao olhar de seus olhos azuis, ao seu sorriso maravilhoso. As ondas do mar quebram-se de encontro às pedras, mas de encontro às ondas de seus cabelos quebravam-se penhascos, geleiras e montes de neve! Lembro-me de estar diante dela, como estou agora diante de você... Estava naquele dia mais linda do que nunca, olhava para mim de um jeito, que nem mesmo no túmulo eu hei de esquecer esse olhar... Carícia, veludo, voragem, brilho da juventude! Enlevado, ditoso, caio a seus pés, peço-lhe que me faça feliz... (**CONTINUA COM VOZ APAGADA.**) Mas ela... ela diz: abandone o palco! A-ban-do-ne o pal-co!... Está entendendo? Ela podia amar um ator, mas casar-se com ele - isso nunca! Lembro que naquele dia eu estava representando... Era um papel infame, um papel de palhaço... Enquanto eu representava, sentia que meus olhos iam se abrindo... Compreendi então que não existe nenhuma arte sagrada, que tudo é sonho e ilusão, que eu não passo de um escravo, um brinquedo para o ócio dos outros, um palhaço, um saltimbanco! Foi então que compreendi o público! Desde esse dia, deixei de acreditar nos aplausos, nos ramos de flores, nos arroubos... É, Nikítuchka! Ele me aplaude, compra minha fotografia por um rublo, mas continuo a ser um estranho para ele, a ser um lixo, quase uma meretriz!... Por vaidade, ele procura me conhecer de perto, mas nunca se abaixará a me dar a mão de sua irmã, de sua filha... Não acredito nele! (**DEIXA-SE CAIR SOBRE O BANCO.**) Não acredito!

IVÁNYTCH: O senhor está parecendo um cadáver, Vassil Vassilitch! Até mesmo em mim mete medo... Vamos para casa, seja bonzinho!

SVETLOVÍDOV: Naquele dia eu vi com clareza... e isso custou-me caro, Nikítuchka! Depois dessa história... depois dessa moça... comecei a perder o rumo, a viver ao léu, sem olhar para o futuro... Interpretava bufões, trocistas, fazia papel de bobo, corrompia as mentes, e, no entanto, que artista eu era, que talento! Enterrei meu talento, rebaixei e estropiei minha linguagem, perdi a imagem e a semelhança... Fui devorado, engolido por este fosso negro! Antes eu não sentia, mas hoje... ao acordar, olhei para trás e vi meus 68 anos. Só agora eu me dei conta da velhice! A festa acabou! **{SOLUÇA.}** A festa acabou!

IVÁNYTCH: Vassil Vassilitch! Meu caro senhor, meu bom amigo... Vamos, sossegue... Meu Deus! **{GRITA.}** Petruchka! Egorka!

SVETLOVÍDOV: E, no entanto, que talento, que força! Você não pode imaginar que dicção, quanto sentimento e graça, quantos acordes... **(BATE NO PEITO)** neste peito! É de perder o fôlego!... Escute, velho... espere, tente recobrar o fôlego... Lá vai um trecho do *Godunov*:

**A sombra do Terrível como filho reconheceu
A mim, e Dimítri, lá de seu túmulo, me batizou,
As multidões ao meu redor sublevou
E Boris em sacrifício me ofereceu.
Eu sou o *tsariévitch*⁵. Basta. É uma desonra
Curvar-me ao orgulho da polonesa!**

Nada mal, hein? **(COM VIVACIDADE.)** Espere, agora um do *Rei Lear*... Imagine o céu negro, a chuva, trovoadas - trrr!... relâmpagos - dzzz!... rasgando o céu, e nisso:

**Soprai, oh ventos! Até que vossas faces rebentem!
Soprai com violência! Trombas e cataratas, vomitai tor-
rentes,
Submergindo os nossos campanários até os corchéus!
Oh, chamuscas sulfurosas, rápidas como o pensamento
Precursoras do raio que fende os carvalhos,
Incendiai-me os cabelos brancos. E tu, ó trovão,
Que fazes tremer tudo, toma o mundo todo plano;
Quebra os moldes da natureza;
Extermina, um momento, os germes
Que produzem o homem ingrato.**

(COM IMPACIÊNCIA.) Depressa, a réplica do bobo! **(BATE OS PÉS.)** Diga a réplica do bobo, depressa! Estou sem tempo!

IVÁNYTCH: **(REPRESENTANDO O BOBO.)** - "Oh, titio, mais vale água benta em quarto agasalhado, do que esta chuva aqui, assim, ao ar livre. Bom, titio, entra e pede a bênção às tuas filhas! Isto não é noite que se compadeça de ajuizados ou de tolos."

SVETLOVÍDOV: **(CONTINUA)**

**Ribomba, ó tempestade!
Fogo cospe; chuva, vomita!
Nem a chuva, nem o vento, nem o trovão,
Nem o fogo são filhas minhas!
Vós, oh elementos ingratos, é que não sois!
Eu não vos dei nenhum reino!
Eu não vos chamei de meus filhos.**

Que força! Que talento! Que artista! Mais alguma coisa... mais alguma coisa parecida... para recordar os velhos tempos... Vamos tentar **(DÁ UMA GARGALHADA DE SATISFAÇÃO)** um trecho do Hamlet: "Oh, as flautas! Deixai-me ver uma! **(PARA NIKITA IVÁNYTCH.)** Falando-vos em particular, por que tentais pôr-me do lado do vento, como se quisésseis impelir-me a alguma rede?"

IVÁNYTCH: "Oh, meu senhor, se eu sou atrevido em minha conduta, deveis levá-lo à conta da impetuosidade do meu afeio."

SVETLOVÍDOV: "Não entendo bem isso. Quereis tocar esta flauta?"

IVÁNYTCH: "Não conseguiria, senhor."

SVETLOVÍDOV: "Eu vos peço."

IVÁNYTCH: "Acreditai, não conseguiria".

SVETLOVÍDOV: "Eu vos suplico".

IVÁNYTCH: "Não sei lidar com ela, meu senhor".

SVETLOVÍDOV: "É tão fácil como mentir. Regulai estes orifícios com os quatro dedos e o polegar, dai-lhe alento com a boca, e ela fraseará a mais eloqüente música. Olhai, estas são as chaves".

IVÁNYTCH: "Mas não sei fazê-las externar harmonia alguma; falta-me arte para isso".

SVETLOVÍDOV: "Pois vede agora em que mísera coisa me transformais! Quereis tocar-me; presumis conhecer-me as chaves; aspi-

rais a arrancar o coração de meu mistério; pretendeis tirar-me sons, da nota mais baixa a mais alta... e, apesar de haver música, excelente melodia, neste pequeno instrumento de sopro, não podeis fazê-lo falar. Pelo sangue de Cristo, julgais que sou mais fácil de ser tocado do que uma flauta; dai-me o nome do instrumento que quiserdes; malgrado a importunação, não sabeis tocar-me." (**RI ÀS GARGALHADAS E APLAUDE.**) Bravo! Bis! Bravo! Com os diabos, quem falou em velhice? Não há velhice alguma, é tudo disparate, tolice. O vigor jorra de todas as minhas veias como de um chafariz, - isto é juventude, viço, vitalidade! Onde há talento, Nikítuchka, não há velhice! Ficou aturdido, Nikítuchka? Ficou zozzo? Espere, deixe que eu também me recupere... Oh, Senhor, meu Deus! Escute esta, que ternura, que delicadeza, que música! Psiu... Silêncio!:

**É calma a noite ucraniana,
O céu diáfano, as estrelas cintilam.
Vencer a própria sonolência
Não pretende o ar. Apenas tremem
As prateadas folhas do álamo...**

(OUVE-SE O RUÍDO DE PORTAS SENDO ABERTAS.) O que foi isso?

IVÁNYTCH: Devem ser Petrushka e Egorka que chegaram... Que talento, Vassil Vassílich! Que talento!

SVETLOVÍDOV: **{GRITA, VIRANDO-SE PARA O LADO DO RUÍDO}** Por aqui, meus heróis! (**PARA NIKITA ÍVÁNYTCH.**) Vamos trocar de roupa... Não há velhice alguma, é tudo disparate, absurdo... (**DÁ GARGALHADAS DE ALEGRIA.**) Que choro é esse? Minha boa tolinha, põe-se então a choramingar? Eh, não está bem! Não, isto não está nada bem! Vamos, vamos, meu velho, que jeito de olhar! Por que olhar assim? Vamos, vamos... (**ABRAÇA-O, ENTRE LÁGRIMAS.**) Não precisa chorar... Onde há arte, onde há talento, não há velhice, nem solidão, nem doença, e a própria morte só existe pela metade... (**CHORA.**) Não, Nikítuchka, nossa festa já acabou. Que é do meu talento? Não passo de um limão espremido, um picolé, um prego enferrujado, quanto a você - não passa de um velho rato de teatro, um ponto... Vamos! **{VÃO ANDANDO.}** Que é do meu talento? Nas peças sérias só presto para a comitiva de Fortimbras... e até para isso já estou velho... Pois é... Lembra-se dessa passagem do Otelo, Nikítuchka?

**Adeus sossego d'alma! Adeus alegria!
Adeus tropas emplumadas!
Guerras soberbas, que transmudais a
Ambição numa virtude, adeus, adeus!...
Adeus corcel relinchante,
Trombeta aguda e sonora, tambor que acendes o
espírito,
Pífano sibilante, estandarte real,
Orgulho, pompa, brilho e todos os apetrechos da lide
gloriosa!**

IVÁNYTCH: Que talento! Que talento!!

SVETLOVÍDOV: Ou disso, então:

**Vou-me embora de Moscou! Aqui eu não volto mais.
Corro, sem olhar para trás, buscar no mundo
Um refúgio para o meu coração ultrajado!
Minha carruagem, minha carruagem!¹¹**

SAI COM NIKITA IVÁNYTCH. A CORTINA DESCE LENTAMENTE.

(Trad. de Homero Freitas de Andrade
e Eliana Pereira Miura)